

DULCINEIA VIANA QUINTELA

**A comunicação do sujeito surdo com o ouvinte e as dificuldades  
estabelecidas nessa relação**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Fonoaudiologia

São Paulo

2008

DULCINEIA VIANA QUINTELA

**A comunicação do sujeito surdo com o ouvinte e as dificuldades  
estabelecidas nessa relação**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
Apresentado à PUC-SP, como  
requisito parcial para obtenção do  
bacharelado em Fonoaudiologia,  
sob orientação da Profa. Dra. Maria  
Cecília de Moura

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Fonoaudiologia

São Paulo

2008

*O Senhor é a minha luz e a minha salvação;  
a quem temerei?*

*O é à força da minha vida;  
de quem me recearei?"*

*(Salmos, 27:01)*

## **AGRADECIMENTOS**

As palavras de agradecimentos são para todas as pessoas que indiretamente e diretamente me acompanharam no período de minha formação.

A minha família que nas horas difíceis me acolheu e colaborou para a realização desse projeto.

Em memória ao meu pai Sr Evair Dias Quintela e com muita saudade, sei que também me acompanhou desde o início da minha vida, e agora poderá se orgulhar.

Para a minha mãe Dn<sup>a</sup> Dulce Teresinha Viana Quintela, que batalhou para que eu me tornasse uma pessoa íntegra de valores a qual ela pudesse se orgulhar.

As minhas irmãs e cunhados: Waldir e Cristina; Wagner e Jacimar; Eduardo e Débora que me acompanharam nessa trajetória da minha vida.

Aos meus amores que serão o futuro de nosso pai: Letícia, Gabriela, Vitória, Vinícius e Matheus, que são a alegria de nossas vidas.

Não poderia deixar de citar aqui o meu Tio Waldeir que no momento de dificuldade me estendeu a mão para me ajudar.

As minhas amigas, Virginia, Maria Angélica que colaboram para esse projeto ser aprovado.

Gostaria de agradecer também as minhas amigas da Faculdade que me incentivaram todos esses anos como: Nataly Castro, Raquel, Karla, Mariana, Juliana, Claudia Rita, Carol Eliane, Barbara e Ceres.

A minha querida Prfa. Dra Vera Cury, que tem cuidado de mim esses anos. O meu muito obrigado por tudo que tem feito durante todo esse tempo.

As minhas professoras: Dra.Cecília Moura que me orientou e acreditou que seria possível finalizar o projeto

Dra.Cecília Bonini por acreditar no meu trabalho desenvolvido com ela nesses dois anos.

A Profa Dra. Vera Teixeira que me acompanhou desde o início da graduação organizando os meus horários e me incentivando a buscar mais conhecimentos.

Professora Dra. Maria Isa que me aconselhou dizendo que eu pudesse acreditar em mim mesma e assim com palavras doce fez com que eu lutasse até o final.

A Profa. Dra. Kathryn que mesmo com tanto trabalho e com muita dedicação, passou a me receber uma hora para me ajudar a conhecer melhor o meu desenvolvimento intelectual, e com ela apreendi a amá-la e respeitá-la de uma maneira incondicional.

As professoras que também participaram da minha formação na graduação o meu muito obrigado por tudo, vocês todas são tão especiais.

Para os funcionários da Derdic em especial ao João, Graça e Dr. Alfredo o meu muito obrigado por me ouvir e ensinar tudo sobre as pesquisas acadêmicas

Para finalizar não poderia deixar de dizer sobre a pessoa mais importante da minha vida. Que é o meu grande amor, meu marido Walter Pinotti.

O Walter me deu sempre apoio em tudo e supriu todas as minhas necessidades financeira e também amorosa.

Nos momentos de alegria, de dor e tristeza ele está sempre presente.

Devo a ele todo o meu amor incondicional para sempre e juntos alcançaremos os nossos objetivos.

## RESUMO

Neste trabalho procuramos compreender como é estabelecida a comunicação do sujeito Surdo com o sujeito ouvinte, e quais seriam as dificuldades encontradas nessa relação. Para isso realizamos entrevistas com seis Surdos adultos cujos dados foram analisados posteriormente.

Os dados mostram que dentro da comunidade Surda os meios de comunicação utilizados são a língua de sinais ou a oralidade e a leitura orofacial. Consideramos que a língua de sinais para a interação do sujeito Surdo no mundo é tão importante quanto à língua falada para a comunicação do sujeito ouvinte. Ela permite ao Surdo um conhecimento mais amplo do mundo, fortalecendo o vínculo social.

Conseguimos perceber que a relação comunicativa do Surdo com o mundo ouvinte não é uma tarefa fácil. Muitos problemas se colocam nessa relação.

O que podemos concluir é que a fala, para o Surdo, pode se tornar um instrumento útil, mas ele não substitui a necessidade da língua de sinais para que o Surdo possa ter pleno acesso à linguagem. Percebemos também que os Surdos que melhor se comunicavam com o mundo ouvinte eram aqueles que tiveram acesso ao atendimento fonoaudiológico. Por essa razão, é necessário que o governo se conscientize da necessidade de que a Portaria da Saúde Auditiva seja cumprida, não para que os Surdos se transformem em ouvintes ou se finjam de ouvintes, mas para que como sujeitos plenos da linguagem e cidadãos, possam reivindicar seus direitos.

**Palavras-chave:** Sujeito Surdo, Libras, Oralidade, Comunicação, comunidade.

## ABSTRACT

In this work we tried to understand how it is established the communication between the Deaf and the hearing and the difficulties found in this relationship. In order to do this we have done six interviews with six Deaf adults. After the data was analyzed.

Inside the Deaf community the communication is done by Sign Language or by oral language and lip-reading. We consider that for the connection of the Deaf in the word the Sign Language is as important as spoken language for the communication of the hearing. It allows the Deaf to have a better knowledge of the world, making the social tie to be strengthened.

We were able to realize that the Deaf communicative contact with the hearing world is not easy; many problems are set in this relation.

We can conclude that the speech for the Deaf can be an useful tool, but it does not substitute the need of the Sign Language in order for the Deaf to have full access to the language. We realized too that the Deaf who were able to better communicate with the hearing world were those who had attained speech training. For this, it is necessary that the government be conscious of the need of the execution of the Portaria da Saúde Auditiva (Hearing Health Decret), not for the Deaf became hearing or to pretend to be hearing, but because they, as individuals plain of language and as citizen, be able to demand their rights.

**Key words:** Deaf, Sign Language, Oral, Communication, Community

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	I
RESUMO .....	III
INTRODUÇÃO .....	1
METODOLOGIA .....	4
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	5
ANÁLISE DE DADOS.....	9
CONCLUSÃO .....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

## Lista de quadros

- Quadro 1 - Você faz uso da leitura labial, língua de sinais ou oral? ..... 9
- Quadro 2 - Como é estabelecida a sua comunicação no seu ambiente familiar? 10
- Quadro 3 - Em quais situações você faz uso da comunicação (leitura orofacial/oral ou libras) com o indivíduo ouvinte? ..... 11
- Quadro 4 - Qual tipo de comunicação acima você mais utiliza? ..... 12
- Quadro 5 - Qual sua maior dificuldade ao comunicar-se com o ouvinte? ..... 13
- Quadro 6 - O seu rol de amizade é constituído mais por indivíduos Surdos ou por indivíduos ouvintes? ..... 14
- Quadro 7 - Na sua opinião quais são as diferenças na comunicação entre a comunidade Surda e ouvinte? ..... 14
- Quadro 8 - Quais estratégias poderiam ser usadas para uma melhor comunicação entre a comunidade Surda e Ouvinte? ..... 15
- Quadro 9 - Entre a leitura labial/fala oral e a língua de sinais qual é a mais fácil de aprender, e se compreender e de se expressar? ..... 17
- Quadro 10 - Qual a importância do fonoaudiólogo para a comunidade surda? ... 17

## INTRODUÇÃO

No decorrer da minha graduação foi possível observar a diversidade de formas pela qual um indivíduo Surdo se comunica com a comunidade ouvinte e como essa relação é diferenciada de indivíduo para indivíduo.

Albuquerque em seu trabalho relata que o processo de aquisição de fala pelo sujeito Surdo será particular e única:

“Além da eficácia ou não das técnicas utilizadas para aquisição da língua falada, bem como os aspectos referentes à abordagem terapêutica, foi ficando evidente ao longo do tempo, que há também particularidades de cada indivíduo determinantes no processo. Surdos bons e maus falantes estão em toda parte, e os fatores envolvidos no desenvolvimento da linguagem permanecem intrigantes.” (ALBUQUERQUE, 2002, p. 02)

Diante dessa vivência, foi despertado em mim um interesse em aprimorar meus conhecimentos sobre a representação da vida cotidiana de um Surdo<sup>1</sup>.

Sabemos que a surdez gera uma semelhança entre os indivíduos Surdos devido à dificuldade de comunicação, e com isso são criadas comunidades específicas, pois a forma de se relacionar é específica, seja ela por língua de sinais ou oralizada. Nesse sentido, procuramos, nesse trabalho, compreender como é estabelecida a comunicação do sujeito Surdo com o sujeito ouvinte, e quais seriam as dificuldades encontradas nessa relação.

---

<sup>1</sup> Ao utilizar “Surdo” com letra maiúscula refiro-me ao indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não está sendo caracterizado pela sua “deficiência”, mas pela sua condição de pertencer ao um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença. Por sua vez na utilização de “surdo”, refiro-me a condição audiológica de não ouvir, conforme livro “O SURDO”, Caminhos para uma Nova Identidade, (MOURA. M.C de, 2000, pg. 72)

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada por meio de relatos na forma escrita de 6 sujeitos Surdos com idade a partir de 20 anos de ambos os sexos. Foram analisados como eles relatam o seu convívio com indivíduos ouvintes e quais as dificuldades encontradas ao se expressar com o mundo ouvinte.

A coleta de dados foi realizada a partir de uma entrevista individual, onde foi utilizado um questionário. A atividade foi respondida por escrito pelo entrevistado.

O questionário consistiu em 10 perguntas que foram elaboradas a partir do desenvolvimento do projeto. As perguntas e as respostas dadas a eles sujeitos encontram-se no final do trabalho.

A análise dos dados foi realizada baseada na análise de conteúdo de Bardin (1977).

A análise de conteúdo se fundamenta em um instrumento técnico e metodológico a ser aplicado a “discursos” que sejam diversificados, em torno de aspectos objetivos e subjetivos.

O que torna útil esta perspectiva de análise é justamente a possibilidade de o investigador desvendar o que não é dito o que aparentemente esta oculta na mensagem.

Dentro da análise de conteúdo, o método utilizado consiste na análise categorial, considerando a totalidade de um texto e que se organiza fisicamente dos elementos constitutivos da mensagem. Esta categorização tem como objetivo a representação de forma simplificada dos dados brutos.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para podermos entender melhor a questão levantada nesse trabalho é importante entendermos as questões relacionadas à comunicação do Surdo nas comunidades ouvintes e Surdas,

A comunicação com o Surdo se dá por meio de língua de sinais e também por e escrita, pois é dessa forma que os ouvintes e Surdos conseguem estabelecer uma relação comunicativa e uma integração social..

Já na própria comunidade Surda é por meio da língua de sinais que os Surdos interagem entre si. É dessa forma que a comunidade Surda passa a fazer parte da vida desses Surdos. É importante observar que ainda que ela, a surdez, seja elemento constante entre os indivíduos Surdos, ela é representada na vida de cada um de forma única, dada a subjetividade e as experiências vivenciadas por cada um. Entender questões relacionadas a ser Surdo implica em conhecer o universo de seus integrantes e as partes que se tocam formando um universo que, ainda que particular, é compartilhado.

Compreende-se, atualmente, que a troca de experiência entre Surdos também auxilia no fortalecimento deste universo, e é a partir das experiências fortalecedoras, propiciadas pelo próprio grupo de Surdos, que o indivíduo Surdo, compartilhando sua forma de ser no mundo, se sentirá mais fortalecido para estabelecer suas relações com a comunidade ouvinte.

Para compreendermos como nasceu esta comunidade Surda, é importante relatar a visão da sociedade perante o Surdo.

Conforme relata Moura:

“Os ouvintes, na Antigüidade, consideravam que os Surdos não eram seres humanos competentes. Isto decorria do pressuposto de que o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala.” ( MOURA, 2000, p. 16)

Aqueles que perdiam a audição após terem adquirido a linguagem não entravam nesta categorização.

Moura (2000) relata ainda

“Aristóteles considerava que linguagem a o que dava condição de humano para o indivíduo. Portanto, sem linguagem, o Surdo era considerado não humano. Para ele, também, o Surdo não tinha possibilidade de desenvolver Faculdades intelectuais” (MOURA 2000.p.16)

Para os romanos, os Surdos também eram incapazes de usufruir seus direitos legais, pois a sociedade os impedia de fazer testamentos e necessitavam de tutor para responder pelos seus negócios e atos. “Os Surdos eram tidos como incapazes de gerenciar os seus atos, perdiam a sua condição de ser humano e eram confundidos com o retardado.” (MOURA p. 16; 2000)

No decorrer dos séculos a visão negativa de que os Surdos não eram sujeitos completos foi se transformando numa possível comunicação entre os sujeitos ouvintes e os indivíduos Surdos, devido à educação que eles recebiam, por meio da oralização.

Já no final do século XX, a partir dos movimentos multiculturais, os indivíduos que não se encaixavam dentro do padrão normatizado para a população eram tidos como os “diferentes”, e reivindicaram o direito de serem tratados como minorias. Os Surdos também se colocaram como parte desses grupos e passaram a reivindicar o direito de ter uma cultura própria e passaram a denunciar as discriminações a que eram submetidos.

A partir deste movimento, o Surdo recebeu apoio para se fazer ouvir, por meio de uma língua própria, passando, assim, a representar oficialmente sua cultura diante da sociedade.

A língua de sinais, aspecto essencial da cultura Surda para a interação do sujeito Surdo no mundo, é tão importante quanto à língua falada para a comunicação do sujeito ouvinte. Ela permite ao Surdo um conhecimento mais amplo, fortalecendo o vínculo social e facilitando não apenas a comunicação face a face, mas também no âmbito educacional. Essa língua se configura como uma língua verdadeira, já reconhecida no Brasil<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A Lei número 10436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia

As funções da língua de sinais são as mesmas da língua falada, porém existem algumas restrições impostas pela sociedade, por essa possuir um conhecimento insuficiente em relação à sua utilização. Também encontramos prejuízo na comunicação do Surdo com o ouvinte devido à falta de intérpretes que possam servir como mediadores nos diversos tipos de ambientes comunicativos.

O funcionamento da língua usada pelos ouvintes e da língua de sinais utilizada pelos Surdos vem caminhando lado a lado dentro da comunidade Surda, cada uma com características e funções específicas, mas ambas se complementando nas situações particulares em que ocorrem.

Dentro da comunidade Surda a Língua de Sinais tem suas características próprias, sendo usada entre os próprios Surdos. Já para a convivência com ouvintes esses sujeitos utilizam um sistema de sinais que é adaptado para a linguagem oral ou usam a língua oral.

Vemos em Svartholm (no prelo) que em 1981, na Suécia, os Surdos adquiriram o direito de receber os ensinamentos em ambas as línguas, a língua de sinais e a língua sueca, para uma facilitação da comunicação entre si e com a sociedade como um todo. Essa determinação governamental fez com que os Surdos se tornassem sujeitos bilíngües, sendo a língua de sinais usada como primeira língua e, língua de instrução. A segunda língua é o sueco usado na sua forma escrita ou oral, dependendo da possibilidade de desenvolvimento da oralidade pelos Surdos. A Suécia foi o primeiro país a desenvolver uma educação realmente bilíngüe para os Surdos.

É importante observar que, no bilingüismo, as duas línguas têm a função de se completar, sendo a língua de sinais necessária para a sobrevivência da comunidade Surda sendo que ela não deve ter o sentido de competição com a comunidade ouvinte. A língua oral tem o papel de possibilitar o acesso do Surdo à comunidade ouvinte. Esta posição de ambas as línguas é tida como uma possibilidade de estar no mundo para o Surdo, em que ele poderá conviver nas duas comunidades: a Surda e a Ouvinte.

A linguagem escrita também é importante para a comunicação do Surdo com o ouvinte, pois ela é uma das pontes que ligam esses dois mundos. Essa relação é feita a partir de livros, jornais, revistas entre outros. Essa atividade facilita a participação do Surdo no meio social, cultural.

Além disso, para que seus conhecimentos em relação à escrita se ampliem, é importante que o Surdo tenha suporte desde a infância. Um domínio positivo da língua escrita é importante e imprescindível para que o Surdo possa estar nos dois mundos.

Ainda segundo Svartholm (op., cit., no prelo), para a interação do Surdo com o ouvinte pela língua falada é necessário que o ouvinte tenha disponibilidade para se comunicar com outro que não domina a linguagem oral como o ouvinte e que o Surdo tenha habilidades da leitura labial adequada e o desejo de se comunicar. Porém, segundo Svartholm (op.cit.), este meio de comunicação é útil quase sempre apenas para mensagens curtas e simples, pois mensagens mais complexas geram incertezas na comunicação com o Surdo, dificultando assim uma compreensão adequada.

O Surdo, independente do nível de conhecimento da leitura labial, sempre estará numa posição frágil quando a oralização é utilizada, pois a compreensão poderá não ser clara. O campo da comunicação falada não é o meio mais eficaz para a compreensão de mensagens complicadas, sofisticadas, pois ela sempre abrirá espaços em brancos a ser preenchido por adivinhações, o que torna a comunicação inadequada.

Por fim, é importante relatar que a identidade e a forma do indivíduo Surdo estar no mundo estão relacionadas a fatores políticos, ideológicos, lingüísticos e educacionais.

Nosso interesse é, portanto, compreender como se dá a comunicação do Surdo numa sociedade prioritariamente ouvinte em que esses fatores cumprem papel tão importante.

## ANÁLISE DE DADOS

Para a análise de dados iremos apresentar os quadros que mostram as respostas dadas pelos entrevistados e tentaremos analisar o que elas representam.

### Análise de Dados:

**Quadro 1 - Você faz uso da leitura labial, língua de sinais ou oral?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	Oralização às vezes labial.
2	Labial.
3	Eu sinais de talvez
4	Sinais.
5	Falar bem em sinais, mas não uso aparelho só, olhar lábio, boca.
6	Eu faço leitura labial e libras também.

Os surdos entrevistados relatam que usam a oralidade e a língua de sinais, Para alguns apenas a língua de sinais é a forma de comunicação possível. Desde que esse estudo se baseou numa entrevista fechada, não temos dados de como esses Surdos foram trabalhados e as possibilidades de oralização de cada um. Alguns dados que analisaremos posteriormente nos dizem um pouco mais sobre a forma de comunicação deles. O que entendemos dos dados acima é que aqueles que têm a possibilidade de se comunicar oralmente o fazem, provavelmente porque sentem que essa forma de comunicação é importante para a convivência com os ouvintes.

**Quadro 2 - Como é estabelecida a sua comunicação no seu ambiente familiar?**

<b>SUJEITO</b>	<b>RESPOSTA</b>
1	Oralização
2	Minha comunicação com a família é normal.
3	Pouco.
4	A família pouco comunicação, só sinais.
5	Sou eu surdo, todos família são ouvintes normal.
6	Me comunico com a minha família só leitura labial porque as minha família não usa libras e nunca apreendeu.

A comunicação estabelecida no ambiente familiar para os entrevistados indica que a maioria tem uma comunicação muito restrita com a família desde que essa não sabe língua de sinais. Dessa forma a oralidade é usada de forma rudimentar. Podemos perceber por esse dado que esses indivíduos Surdos estão em casa num mundo silencioso. Não silencioso no sentido de que a língua de sinais não produz sons, mas silencioso no sentido de que nada ou quase nada é compartilhado. Isso traz preocupações quanto à forma que esses sujeitos se constituem – sem informações e sem um mundo partilhado com a família como esses sujeitos se constituem sujeitos? Isso pode explicar a importância que a comunidade Surda tem para a constituição desses indivíduos no mundo. É na comunidade Surda que eles podem se alimentar de informações e se constituírem sujeitos da linguagem.

**Quadro 3 - Em quais situações você faz uso da comunicação (leitura orofacial/oral ou libras) com o indivíduo ouvinte?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	Leitura facial
2	Eu faço leitura orofacial no trabalho e na escola para entendê-los.
3	Igreja, copiar e escreve.
4	Trabalho pouco, sinais escrever.
5	Enquanto eu converso com pessoas falar devagar, então entendi!
6	Eu faço leitura labial desde pequena eu fazia fono eu tinha 1 ano até 8 anos para comunicar com os ouvintes com a família e amigos mas com surdos faço libras mas eu faço os dois libras e oralista quando eu converso com surdos .mesmo tempo conversando fazendo libras e labial eu não consigo conversar com fechada isso me incomoda.

As respostas dadas a esta pergunta mostra que eles tentam usar a oralidade para se comunicar e apenas um deles se refere ao uso de língua de sinais. Essas respostas mostram que a comunicação dos Surdos com os ouvintes se dá por adaptação do Surdo ao mundo ouvinte. Isso confirma o que já havia sido visto na pergunta anterior. Os ouvintes não aprendem língua de sinais, mesmo em situações de trabalho e principalmente de escola aonde se esperaria que o ambiente estaria preparado para recebê-los e propiciar um entendimento completo do que é passado em termos de conteúdo escolar. Mais uma vez vemos os Surdos colocados a parte da comunicação real e que possibilitaria um enriquecimento para eles. Pode-se concluir das respostas obtidas que não há uma comunicação fluída entre os indivíduos e seus pares ouvintes.

**Quadro 4 - Qual tipo de comunicação acima você mais utiliza?**

<b>SUJEITO</b>	<b>RESPOSTA</b>
1	Oralizada
2	Orofacial
3	Sinais, copiar e escreve.
4	Sinais.
5	Só lábios, boca, mas precisar importante pessoa aprenda sinais porque ouvinte conversa (Sinais) como surdo assim mesmo.
6	Os dois.

Novamente se pode perceber que a língua de sinais não é a forma mais utilizada pelos Surdos. Alguns até a usam, mas a oralidade ou a escrita também aparecem. Isso, novamente, mostra que a sociedade como um todo não sabe e não utiliza a língua de sinais. Isso seria esperado nas relações sociais mais amplas, mas causa espanto que esses Surdos que freqüentam escola, não relatem que na escola eles tenham a possibilidade de ter interlocutores que conheçam a língua de sinais. É a lei (Decreto 5626) que coloca a necessidade da escola possibilitar o acesso às informações pela língua de sinais que se transforma em palavras ocas que não são cumpridas.

**Quadro 5 - Qual sua maior dificuldade ao comunicar-se com o ouvinte?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	Não tenho dificuldade para comunicar com ouvinte
2	Se a pessoa estiver de costa eu não entendo nada.
3	Nada ouvinte com difícil sinal
4	Por que não entendeu falar.
5	Muito difícil ouvinte não tem paciência, surdos estão sofre por isso. Precisar importantes os lugares todos.
6	A maior dificuldade é me comunicar com os médicos, mas depende pq. a minha preocupação é será ele vai entender e passar a receita com erro médico, mas se tiver dificuldade é só escrever primeiro da cartinha explicar o motivo ai quando perceber que dá para entender a comunicação do médico assim pode conversar normal sem preocupar, mas depende dos surdos que não usa oralista assim é mais difícil o hospital precisa contratar um tradutor de libras para ajudar porque. Os surdos sempre acompanham mamãe, tia, amiga vizinha e vovó.

Segundo as respostas dadas todos apresentaram dificuldades para comunicar-se com os ouvintes. Essas respostas reforçam o que temos visto até aqui. Os Surdos não possuem um canal de comunicação fluído com os ouvintes. Nem o cuidado de falar de frente os ouvintes têm de acordo com um dos entrevistados. A preocupação de um dos entrevistados com a questão médica é justa e extremamente séria. Como saber o que acontece de verdade? Será que ser acompanhado por um elemento da família é bom? Como fica a questão da descrição com relação a uma consulta médica quando uma pessoa da família está envolvida? Novamente verifica-se que o direito a ser tratado em igualdade de condições com relação aos ouvintes não é fato na área da saúde. Mais uma vez os direitos humanos dos Surdos não são respeitados.

**Quadro 6 - O seu rol de amizade é constituído mais por indivíduos Surdos ou por indivíduos ouvintes?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	Tenho amizade com Surdo e também com os Ouvintes.
2	Com os Ouvintes.
3	Muitas pessoas ouvintes.
4	Mais Surdos.
5	Melhor amigos são surdos, as vezes amigos são ouvintes depende tem preconceitos pouco que continua amigos!
6	Eu sempre estudei da escola com ouvintes a minha vida foi normal à amizade tudo igual, mas a cultura é diferente dos surdos eu acompanho mais com ouvintes do que os surdos.

Temos aqui um fenómeno interessante. Há alguns que dizem ser com os Surdos que se relacionam mais e pode-se entender isso dada a dificuldade de comunicação antes relatada. Mas, é interessante que os mesmos indivíduos que relatam essa dificuldade na relação comunicativa com ouvintes se digam amigos de ouvintes. Apenas o sujeito 6 que parece estabelecer boa comunicação com os ouvintes mostra coerência na sua resposta de que os ouvintes podem ser amigos. Parece ser essa a sua experiência maior de contatos. O que fica como indagação é: como será que pessoas que têm dificuldade de comunicação podem estabelecer uma relação de amizade? Será que essa relação se baseia numa apropriação de valores considerados importantes para os Surdos, como a boa fala? Apenas uma pesquisa que aprofunde o tipo de relação poderá esclarecer essa dúvida.

**Quadro 7 - Na sua opinião quais são as diferenças na comunicação entre a comunidade Surda e ouvinte?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	O ouvinte tem uma diferença da língua portuguesa e gramática e cultura.
2	A comunidade Surda: dependendo do surdo, a uns que só entendem por leitura labial e outros que só entendem por libras, é um pouco complicado, precisa de ajuda. E os ouvintes são diferentes ( não sei explicar porque) alguns sabem se comunicar muito bem com os surdos, outros não têm paciência.
3	Não sei.

4	Não saber.
5	Às vezes tenho conseguir ou não conseguir conversar.
6	A comunicação é diferente a cultura é igual, mas o sentido da vida é diferente o surdo vive do mundo silêncio sabe não ouve e não fala, mas alguns tem voz para usar oralista e se esforça treinando para falar bem indo sempre no fono para se comunicar bem com as famílias e ouvintes mas para conversar com ouvintes é normal tem até ouvintes também usa libras com surdos pq gosta ou se interessa mas nós temos vida normal como todo mundo só a gente não ouve não podemos ouvir música,cantar como ouvintes.

A compreensão dessa pergunta foi difícil para os sujeitos entrevistados. As respostas variaram desde não saberem como responder até a forma que os Surdos têm de se comunicar. O que se pode perceber é que a forma de comunicação é vista como diferente assim como a gramática, ainda que eles não saibam analisar esses dados. O que transparece nas respostas novamente é que é difícil a comunicação entre Surdos e ouvintes.

**Quadro 8 - Quais estratégias poderiam ser usadas para uma melhor comunicação entre a comunidade Surda e Ouvinte?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	Não tenho nenhuma estratégia
2	Poderiam ser usadas libras, leitura orofacial.
3	Sinais
4	Sinal melhor comunicar
5	Não sei
6	A comunicação entre ouvintes e surdas. Ouvintes podem conversar normal, mas tem que conversar, falar bem devagar olhando pelo olho para eles pode ler o lábio, nunca desvia olhar para conversar com outras pessoas pq. Os surdos pensam que vc. já terminou de conversar, quando vc. For chamar os surdos cutuca bem devagar do ombro para não se assustar, e ouvintes precisam ter paciência quando os surdos não entendem o que ouvintes falando tem que repetir de novo e tenta escrever palavras simples, pois os surdos não são bons de ler de português.

Para essa pergunta há uma maioria de respostas de que a comunicação se daria melhor por língua de sinais, que indica o entendimento para a forma de comunicação e não estratégias para melhorar a comunicação. Apenas o sujeito 6 apresenta alguma estratégia, o que parece refletir seu contato maior e mais efetivo com a comunidade ouvinte. Seria de se esperar que todos, freqüentando uma escola de ouvintes, poderiam saber como melhorar a relação comunicativa entre eles e seus colegas e professores. Pensando nas relações estabelecidas em casa, se esperaria também que eles pudessem explicar a forma pela qual conseguem obter e passar mais informações no ambiente doméstico. O desejo de alguns é que a língua de sinais pudesse ser mais usada, o que é um desejo válido, mas que não se mostra realístico, desde que a maioria das pessoas não a conhecem nem a usam, mesmo nas relações familiares e escolares. Mas, podemos pensar que para pensar em estratégias comunicativas mais efetivas eles deveriam ser esclarecidos de formas de comunicação que podem ajudar as relações e, mais do que isso, dos direitos que eles têm de batalhar para que essas estratégias sejam usadas. Parece que a maioria desses Surdos não teve acesso a esse tipo de informação. Parece que o sujeito 6 é o que tem maior conhecimento a respeito, o que talvez tenha ocorrido no seu contato com a/o fonoaudióloga/o que trabalhou com ele. O importante é perceber que são necessários esclarecimentos para que o Surdo possa pensar e, mais do que isso, agir para que uma melhor comunicação possa se estabelecer entre ele e seus pares.

**Quadro 9 - Entre a leitura labial/fala oral e a língua de sinais qual é a mais fácil de aprender, e se compreender e de se expressar?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	Leitura Labial e oral
2	As duas são difíceis
3	Língua de Sinais
4	Melhor sinal só
5	Surdos tem vontade sinais para pessoas aprendam sinais está bem pouco, tenho opinião ouvintes vão curso melhor.
6	Para mim é mais fácil de fazer leitura e oralista são iguais são fácil de expressar, porque, por exemplo, todas pessoas da minha família ninguém usa libras eu sou a única que usa libras mas eu amo de libras para comunicar com os meus amigos surdos que não faz oralista então como vou conversar com ele não entende nada de oralista então eu sempre consigo dividir 2 mundos entre ouvintes e surdos faço leitura labial com ouvinte e com os surdos faço libras são mais importantes é fazer oralista por causa do emprego, entrevista, medico muita gente não sabe usar libras.

Parece que para metade dos sujeitos a língua de sinais seria a forma mais fácil. Dois sujeitos consideram a oralização mais fácil, exatamente os sujeitos que aparentemente têm maior domínio da oralidade. Para um dos sujeitos as duas são difíceis. Entendemos que a facilidade ou a dificuldade de cada indivíduo vai estar relacionada a sua experiência de vida. O fato de terem freqüentado ou não atendimento fonoaudiológico, o fato de terem freqüentado ou não uma escola para Surdos, as suas experiências, boas ou ruins com pares ouvintes, a forma da família se comunicar é que vai estabelecer o que é mais fácil ou mais difícil para eles.

**Quadro 10 - Qual a importância do fonoaudiólogo para a comunidade surda?**

SUJEITO	RESPOSTA
1	Desenvolver a fala, ensinar a convivência com outras pessoas, perder a timidez e também entender o problema de cada um deles, enfim.
2	Muito boa, ajuda bastante a comunidade surda.
3	Não sei
4	É bom

5	Sim lógico surdo vai aprender falar, ouvintes muito importantes então as vezes surdos isto pobre não vai curso de fono por causa surdo não falar nada que verdade ou família ensinar surdo aprender falar pouco só tem faltam coisas famílias não conhecer surdo.
6	Fono é muito importante eu fazia fono 1 ano de idade até 8 anos fiz tudo para aprender a falar leitura labial mas a minha voz não é normal só a minha audição é profunda desde a minha nascença eu acompanhei tudo na fono eu aprendi muito lá é muito importante mas tem que fazer por vontade, força de viver e sonhar tudo o que vc busca as palavras que sai da boca cada palavra de português é milagre começa a sentir emoção não precisa se preocupar que é muda mas a vida continua a vida é tudo igual tem que ir sempre fono para se esforçar a fazer leitura para comunicar, escrever português bem, aprender fazer menos barulho tipo falar alto, usar aparelho auditivo, etc.

Para esta pergunta a maioria respondeu a seu modo que o fonoaudiólogo é importante em suas vidas. Apenas um dos sujeitos diz que não sabe. As outras respostas mostram que o papel do fonoaudiólogo está relacionado a ensinar a falar, a ensinar a estar na comunidade ouvinte. Dadas os problemas apontados anteriormente em que os sujeitos apresentam tanta dificuldade em se comunicar e a entender o que acontece a sua volta, é claro que um profissional que possa fazer a ponte entre o mundo ouvinte e o mundo Surdo se mostra importante. Essa ajuda se estende também à escrita que realmente é um dos vetores de envolvimento do Surdo na sociedade majoritária.

De acordo com o material coletado nesta pesquisa em relação à comunidade Surda e à comunidade Ouvinte, foi possível analisar que, de uma forma implícita, para os sujeitos Surdos entrevistados a relação com a sociedade ouvinte é uma relação difícil, cheia de empecilhos comunicativos.

Se a sociedade não consegue se comunicar com eles de que modo eles podem ser concebidos como “iguais”? Há uma diferença em tudo que é realizado pelos Surdos na forma de comunicação – seja a língua de sinais, seja a forma de olhar o ouvinte na hora de se comunicar.

Quando o assunto surdez entra em questão, um outro lado também surge: o ser diferente. Inúmeras questões passam pela cabeça das pessoas em relação à diferença dos Surdos, por eles apresentarem manifestações significativas em suas falas. Quem é esse sujeito que tem tanta dificuldade? Como reconhecê-lo como “igual” se tudo para ele é mais difícil e requer cuidados especiais e tratamentos especializados?

Quando se diz que os Surdos são diferentes, esperar-se-ia que a sociedade como um todo tivesse uma forma de estar com o Surdo que respeitasse a forma diferente dele estar no mundo, mas isso não acontece.

É saudável pensar que o Sujeito Surdo é diferente e não deficiente. Isso nos leva a crer que a pessoa que não ouve apresenta uma diferença e não uma deficiência, mas isso deve ir além do discurso e passar a ser uma ação que possibilite a real inclusão social do Surdo na sociedade.

O que ainda acontece é que, para a sociedade ouvinte, o indivíduo Surdo é visto como aquele sujeito que apresenta um déficit, uma falta e precisa entrar, em algum momento, dentro dos “padrões de normalidade”, mesmo que essa normalidade nunca seja alcançada.

O fato do Surdo se apropriar de uma língua que não é a mais usada pela sociedade pode implicar que esse indivíduo não é ‘normal’, se considerarmos que a maioria das pessoas faz uso da língua oral. Entretanto, esse sujeito não é anormal e não pode ser tratado de maneira diferente pela sociedade, pelo o simples fato de se comunicar por meio da Língua de Sinais. Pelo contrário, o uso da língua de sinais indica que a diferença realmente existe, mas que ela não é sinônima de fraqueza ou de doença, mas sim uma característica que marca uma maneira diferente de viver as experiências e conseqüentemente se constituir como sujeito.

Entretanto, parece que para alguns Surdos, a normalidade é algo a ser perseguido e conseguido o que parece refletir o que a sociedade transmite ao Surdo. Como exemplo desta perseguição da normalidade vemos nas respostas do questionário que nos deu o sujeito 6. Não que o Surdo não possa desejar ser

respeitado ou conviver na comunidade ouvinte. O problema se coloca quando ele deseja ser uma cópia do ouvinte e nega a sua própria constituição subjetiva de ser Surdo (Moura, 2000).

Pode ser percebido no relato dos sujeitos dessa pesquisa como é difícil para os ouvintes perceberem a importância da Língua de Sinais como língua possível e de fácil acesso para os Surdos, possibilitando assim, sua inserção no mundo da linguagem. Isso, segundo o discurso dos sujeitos, ocorre até mesmo em lugares que deveriam ser mais “protegidos”, como na família e na escola.

O acesso a uma língua é essencial para o desenvolvimento lingüístico do sujeito Surdo (como de qualquer sujeito). Isso não ocorre na escola nem na família e o Surdo é deixado a margem das possibilidades de poder usufruir dos direitos que lhe é devidos pela sociedade.

O que ficou claro nas respostas dos sujeitos dessa pesquisa é que, como grande parte da sociedade não apresenta um meio comum de comunicação com os Surdos, eles mostram dificuldades em serem entendidos e em entenderem.

A dificuldade mais encontrada nas respostas dadas pelos sujeitos está na relação com a sociedade ouvinte.

Portanto, podemos afirmar que a questão do desenvolvimento do Surdo acaba sendo prejudicada em função da não aceitação da condição desse sujeito na sociedade desde que a língua de sinais, sua marca maior, não é aceita pela maioria das pessoas, mesmo nos ambientes que a exigem, como as escolas.

## CONCLUSÃO

No decorrer do trabalho foi possível observar que o sujeito Surdo tem para si que a comunicação oral é um meio incerto de se relacionar com o ouvinte. O indivíduo ouvinte tem mais garantia na comunicação oral do que o Surdo, pois, o Surdo está sempre inseguro perante o mundo ouvinte.

A compreensão precisa das mensagens exige que elas sejam transmitidas de forma adequada para que torne possível e precisa a comunicação.

Porém, a participação de um Surdo em uma conversa com um ou com mais de um ouvinte impossibilita essa participação efetiva e, muitas vezes, uma compreensão real, desvalorizando o próprio papel dele no circuito da comunicação.

Com relação aos dias atuais percebemos que existe um movimento em prol da inclusão social do Surdo. Esse movimento é uma ação política, cultural e social de direitos humanos para que os sujeitos possam conviver harmoniosamente na sociedade. A questão é: essa inclusão acontece de verdade?

Para que essa inclusão aconteça, devemos pensar qual é o papel da fala/oralização e da língua de sinais/LIBRAS na vida do Surdo. Além disso, devemos pensar quais as oportunidades que estão sendo fornecidas ao Surdo para que ele possa se constituir como sujeito.

O papel do fonoaudiólogo nessa constituição de sujeito é essencial. O trabalho com a leitura-oro-facial, aproveitamento auditivo e fala possibilita ao Surdo o acesso ao mundo ouvinte. Mas, esses aspectos devem ser vistos como complementares, pois é pela língua de sinais que o Surdo se constitui, porque a língua de sinais possibilita que ele se torne um ser da linguagem. O fonoaudiólogo pode mostrar ao Surdo e a sua família esse caminho, propiciando formas para que isso aconteça.

É ao fonoaudiólogo que cabe também o trabalho com a família, possibilitando formas de uma comunicação fácil entre o Surdo e seus familiares,

Ao fonoaudiólogo cabe ainda possibilitar o acesso tanto à cultura majoritária como à cultura surda. Sabe-se que o processo de culturalização do ser humano é constituído por meio de mecanismos sociais. É importante que o Surdo possa crescer de forma íntegra nas duas sociedades: a dos ouvintes e a dos Surdos e o fonoaudiólogo devem, em sua função, possibilitar esse acesso.

Finalmente, pensando no papel do fonoaudiólogo, obviamente é importante que o fonoaudiólogo saiba a língua de sinais, pois será por meio dela que ele terá a possibilidade de trabalhar todos esses aspectos com o indivíduo Surdo, ainda que a aquisição da língua de sinais deva se dar em ambientes mais amplos.

Nesse trabalho pudemos perceber que a relação comunicativa do Surdo com o mundo ouvinte não é uma tarefa fácil. Muitos problemas se colocam nessa relação. O que podemos concluir é que a fala, para o Surdo, pode se tornar um instrumento útil, mas ele não substitui a necessidade da língua de sinais para que o Surdo possa ter pleno acesso à linguagem.

Percebemos também que os Surdos que melhor se comunicavam com o mundo ouvinte eram aqueles que tiveram acesso ao atendimento fonoaudiológico. É necessário que o governo se conscientize da necessidade de que a Portaria da Saúde Auditiva seja cumprida não para que eles se transformem em ouvintes ou para que se finjam de ouvintes, mas para que como sujeitos plenos da linguagem e cidadãos, possam reivindicar seus direitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, R. R. *Os Surdos e eles surdos: vivência daqueles que falam*. 2002. N.fl.s. 2,3 e 6. Monografia de conclusão de Curso. (Graduação de Fonoaudiologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BARDIN, L. *Produtividade exige do investigador que elege as categorias, que o sistema categorial por ele proposto, promova inferências, idéias e hipóteses novas: análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

BUENO, J. G.S. *Educação especial brasileira: integração/ segregação do aluno diferente*. São Paulo: EDUC; 1993.

CANEVACCI, M. (Org.). *Dialética da família*. São Paulo: Brasiliense; 1981.

GÓES, M. C. R. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas, SP: Autores Associados; 1996.

INTERNATIONAL CONGRESS OF EDUCATION OF THE DEAF. *Report*. Londres: W.H. Allen; 1880.

MOURA, M. C. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter; 2000. p.15-98.

ORTIZ, K. Alterações da fala: disartrias e dispraxias. In: FERREIRA L. P.; LOPES, D. B.; LIMONGI, S. C. O. *Tratado de fonoaudiologia*: São Paulo: Roca; 2005. Pags 304 à 313 Cap. 26

PEREIRA, L. *A escola numa área metropolitana*. São Paulo: Pioneira; 1976.

“POLÍTICA Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria n.º 555/2007, prorrogada pela portaria n.º 948/2007,

POLÍTICA nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: versão preliminar. Brasília; setembro/2007.

POPKEWITZ, T. S. *Sociología política de las reformas educativas*. La Coruña, Madri: Fundación Paideia Morata; 1994.

QUIRÓS, J. B. ; GUELER, F. S. *La comunicación humana y su patología*. Buenos Aires: Centro Médico de Investigaciones Foniátricas y Audiológicas; 1966.

SACHS, O. *Vendo vozes*. Rio de Janeiro: Imago; 1990.

SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes; 1986